

3

MARIA LUCIA DE AMORIM SOARES (*)

**ESPAÇOS DE
CELEBRAÇÃO**

ABSTRACT

The author reports aspects of the exhibit "Celebration Spaces", informing about the theoretical foundations which led to its organization and setting - Lukács and the suppression of common place; about (re)knowing, (re)processing and (re)storing contents and concepts by plunging into art, as well as about Anthropology as the ethics of humility.

RESUMO

A autora relata aspectos da exposição "Espaços de Celebração", informando sobre a fundamentação teórica que balizou a organização e montagem - Lukács e a suspensão da cotidianidade; sobre (re)conhecer, (re)processar e (re)armazenar conteúdos e conceitos através da submersão na arte, bem como sobre a Antropologia enquanto ética da humildade.

-
- (*) A autora, Mestre em Geografia Humana na (USP), atualmente é doutoranda nessa mesma área (USP) e leciona Antropologia Cultural na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

"... os momentos mais preciosos são aqueles em que conseguimos acender uma luz espiritual num aluno... o que importa é o ambiente de ensino: disposição, ritmo, seqüência, tempo e local... lecionar a partir do próprio entusiasmo é o oposto do método tradicional". Johannes Itten, professor da Escola Bauhaus.

Não existe vida humana sem o cotidiano e a cotidianidade. O cotidiano está presente em todas as esferas da vida e do indivíduo, seja no trabalho, na vida familiar, na escola e até no lazer.

Na cotidianidade, o homem se põe numa superfície fluída, ativa e receptiva que mobiliza sua atenção. Na cotidianidade o homem joga todas as suas forças, mas não toda a sua força. Com Lukács pode-se entender com mais profundidade essa colocação.

Para Lukács as determinações fundamentais da cotidianidade impõem aos indivíduos um padrão de comportamento que apresenta modos típicos de realização, figurado num pensamento e numa prática peculiares. A heterogeneidade, a imediatividade e a superficialidade extensiva componentes ontológicos/estruturais da vida cotidiana (determinações fundamentais), cristalizam uma modalidade de ser do ser social no cotidiano que se expressa num *materialismo espontâneo* e num *tendencial pragmatismo*: as variáveis para a consecução de resultados são somente manipuladas pelos indivíduos e a objetividade material dos constrangimentos da dinâmica cotidiana nunca é posta em causa.

A vida cotidiana configura o mundo da heterogeneidade, um universo onde se movimentam a

linguagem, o trabalho, o jogo, o estudo, a vida política e a vida privada entre outras atividades. Como os homens estão *agindo* na vida cotidiana, e esta ação significa *responder ativamente*, pode-se compreender o homem como *o ser que dá respostas*, numa relação *direta* entre pensamento/ação e numa conduta *imediata*.

A heterogeneidade e a imediaticidade da vida cotidiana implicam que o indivíduo responda levando em conta o *somatório* dos fenômenos componentes de cada situação, sem considerar as *relações* que os vinculam. Assim, a superficialidade - extensiva mobiliza em cada homem todas as forças, mas não toda *a* força.

Ainda mais: as determinações da cotidianidade fazem com que o indivíduo só se perceba como *ser singular*, atuando como um *homem inteiro* é claro, mas sempre no âmbito da singularidade. Entretanto, o acesso à consciência humano-genérica *não* se realiza neste comportamento: só se dá quando o indivíduo ascende ao comportamento no qual *joga toda a sua força* numa objetivação menos imediata, menos instrumental. É o momento da mobilização anímica que *suspende* a heterogeneidade da vida cotidiana, momento que *homogeneiza* todas as faculdades do indivíduo e as direciona para um projeto. Nesta suspensão o indivíduo se instaura como *particularidade* e comporta-se como *inteiramente homem*.

Para Lukács *três* são as formas privilegiadas de objetivação nas quais a cotidianidade é superada: o *trabalho criador*, *a arte e a ciência*. Estas formas, entretanto, não podem ser contínuas; elas estabelecem sempre um circuito de retorno à cotidianidade. Mas, o indivíduo que regressa para

a vida cotidiana, ineliminável e inultrapassável, regressa modificado: **pode** concebê-la como o espaço compulsório de humanização, de enriquecimento e ampliação do ser social. O indivíduo que regressa é mais refinado, mais eficaz, mais **educado** justamente porque se alçou à **consciência humano-genérica**.

Foi exatamente a postura teórico-metodológica de Lukács que informou a exposição arquitetada por esta professora para a **3ª Semana Cultural/1990**, juntamente com alunas(os) do 1º ano C do -- Curso de Pedagogia. Para tanto foram construídos "**Espaços de Celebração**", pretendendo revelar a inter-relação entre o individual e o social com **E-LAS** _____ esculturas transmissoras do próprio significado da vida, representando as (os) alunas(os) da série em questão; com **EXTENSÕES EXTENSIVAS** _____ pequenas peças em negro, todas aquelas que são extensões do homem, fruto do processo de humanização; com **PÉ, MÃO, TETO, CHÃO** _____ estante demonstrativa das extremidades e necessidades humanas; com **DE EMBRIÕES E SONHOS** _____ sol, lua, terra e mar metamorfoseados em cinco mil flores; com **CIDADE: RECOMPONDO PAUL KLEE** _____ um entretecer - de fibras e cores numa cortina para trabalhar, com o famoso pintor, o conceito de espaço urbano; com **CIDADE COM BESTIÁRIO PARA FAGOTE E ESÔFAGO** _____ poemas do poeta concretista Augusto de Campos; com **REGISTROS DA MINHA PASSAGEM PELA FAFI** _____ porta de entrada construída com "fósseis" diários deixados pelos alunos como maços de cigarros, copinhos de plásticos, "colas" para uso em provas, etc...; com **EU - SOU EU NÃO SOU OUTRO** _____ túnel, em cortinas terminando num grande espelho, para resgatar os jogos positivo/negativo, aberto/fechado, atração/repulsão, figura/fundo que iconiza o jogo homem/mundo

capitalista; e por fim, com NO CAMINHO DE ARP à maneira dadaísta, pegadas primitivas para rastrear o percurso dos espaços de celebração.

No final do percurso, o início da trilha. (Re)conhecer, (re)processar e (re)armazenar conteúdos e conceitos através de uma submersão na arte é buscar o próprio ser-linguagem. É investigar a realidade, é poder explicar a configuração do mundo tal como ele se apresenta no século em curso: as novas idéias sócio-históricas de Marx, a descentralização social do mundo do vértice do indivíduo, a transformação da física que descobre a natureza em movimento, a geometria não-euclidiana, a física quântica, a química radioativa, a biologia em evolução... Em suma, é desvendar a práxis do século XX e suas categorias preferidas: o descontínuo, o deslocado, o contraditório e o pragmático.

Na confluência dos vários espaços de celebração, pretendeu-se então, no caminho de Lukács, contribuir para que a FAFI-Sorocaba deixe de ser uma idéia geral e possa se apresentar organicamente diferenciada, viva, e realmente existente — o que é no mínimo imprescindível, para quem queira pensá-la, inventá-la ou trabalhar/estudar nela e com ela.

Assim, chega-se a Rainer Maria Rilke com um poema, contribuição da Professora Maria José F. G.F. Carvalho, para a exposição:

"Oh, dize-me, poeta, o que tu fazes.

— Eu celebro.

Mas o mortal e o monstruoso, como o suportas e o acolhes?

___ Eu celebro.

Mas o sem nome, o anônimo, como,
poeta, o invocas, porém?

___ Eu celebro.

Onde adquires o direito de ser
verdadeiro em todas as roupagens,
sob todas as máscaras?

___ Eu celebro.

E como o silêncio te conhece, e o
furor, assim como a estrela e a
tempestade?

___ Porque celebro".

Em resumo, pode-se dizer que Espaços de Celebração foi um pensar, repensando o pensado - para repensá-lo. Buscou a explosão e a suspensão da cotidianidade em conjunto com a Semana Cultural.

Os espaços de celebração foram arquiteta dos durante as aulas de Antropologia Cultural. É por esta razão que se segue, agora, uma afirmação de Claude Lépine, extraída do seu livro "O Inconsciente na Antropologia de Lévi-Strauss":

"A Antropologia nos propõe uma *ética da humildade*. Em oposição a um humanismo que colocava o homem no topo do universo, ela apresenta um novo humanismo que inverte a ordem hierárquica, colocando o outro antes do eu, a vida antes do homem, e o mundo antes da vida... a Antropologia nos en

sina o respeito pelo outro, quer este outro seja o primitivo, o animal, ou inclusive o vegetal. "

É com humildade, então, que ficam agradecimentos a todos aqueles que permitiram e ajudaram a articular os fios do tecido expositivo, - quer tecendo, quer incorporando a linguagem proposta; quer por empatia; ficam agradecimentos para todos que permitiram desenvolver os atributos que definem a essência humana: o trabalho, a socialidade, a universalidade, a consciência e a liberdade.